

Maçã de Alcobaça IGP aumentou o preço médio de venda em dois anos apenas 8%, face à inflação de custos de produção de 40%

Apresenta-se uma análise de valores de variações comparativos de várias organizações de produtores de Maçã de Alcobaça IGP, correspondente à ponderação das quantidades vendidas de todas as oito variedades que fazem parte da Indicação Geográfica Protegida e da evolução dos seus custos de produção das duas últimas campanhas.

A variação do preço médio de venda corresponde a todos os diferentes tipos de qualidade e serviço, mas também dos diferentes tipos e natureza de clientes, desde a distribuição, exportação, mercado tradicional e indústrias alimentares. O ligeiro aumento de preço verificado nestes dois anos coincide com a maior preocupação alguma vez vivida pela comunidade produtora da Maçã de Alcobaça IGP e sua imagem coletiva, uma vez não estar minimamente em linha com o aumento dos custos de produção verificados no mesmo período, que superaram os 40% para a maioria das empresas e famílias produtores de maçã de Alcobaça.

Para esta comunidade empresarial e de famílias produtoras, a realidade atual corresponde a serem forçados a conviver com uma inflação dos custos de produção desproporcionada e inigualável, da ordem dos 40%, bem acima da inflação média veiculada nos meios de comunicação, ou mesmo sequer com a inflação verificada e anunciada nos bens alimentares.

Para ajudar a compreender esta dura e incompreensível realidade, partilha-se um mapa de variação de custos médios de produção no campo e nas centrais fruteiras, onde as maçãs passam por duas fases complexas e duradouras de quase dois anos de ciclo produtivo, para poderem chegar em boas condições de frescura, segurança, apresentação e qualidade a todos os consumidores e durante todos os dias do ano.

Quadro

Variação em percentagem dos principais custos de produção de Maçã de Alcobaça IGP

Principais Fatores Produção	Variação Campanha anterior com Campanha de 2 anos 21/22 vs 20/21 (%)	Variação Campanha atual com campanha anterior 22/23 vs 21/22 (%)	Variação Campanha atual com Campanha de 2 anos anteriores 22/23 vs 20/21 (%)
Principais Fatores Produção Campo - 2021/22/23			
Salários	11,0%	7,8%	19,7%
Fertilizantes	53,3%	14,1%	75,0%
Produtos Fitofarmacêuticos mais usados e biotécnicos	21,2%	20,3%	45,8%
Gasóleo Agrícola	25,0%	47,0%	83,8%
Outros Custos	8,0%	12,0%	21,0%
Principais Fatores Produção na Central - 2021/22/23			
Salários	11,0%	7,8%	19,7%
Embalagens	21,4%	11,2%	35,0%
Energia elétrica	229,5%	49,9%	394,0%
Gasóleo Rodoviário	15,3%	18,4%	36,5%
Outros Custos	13,0%	13,3%	28,0%
Variação de preço médio de venda - 2021/22/23	0,0%	8,0%	8,0%

Constata-se assim, nos últimos dois anos, o aumento desses mesmos custos de produção no campo, da seguinte ordem:

- a) Salários 19,7%
- b) Fertilizantes 75,0%
- c) Produtos fitofarmacêuticos e biotécnicos 45,8%
- d) Gasóleo agrícola 83,8%
- e) Outros custos 21,0%

Os primeiros valores apresentados referem se aos quatro principais fatores de produção frutícola, que representam no campo cerca de 80% de todo o custo de produção. Há ainda um grupo de outros custos, que representa uma imensa diversidade de rubricas de menor valor, que no seu total perfazem os restantes 20% de custos obrigatórios para fazer uma maçã no pomar.

Este último grupo de outros custos inclui os custos administrativos, os de controle e certificações, de seguros e seguros de colheitas, de manutenção de equipamento, de amortizações, energia e regas e custos financeiros. Apesar de, no seu total, representarem apenas cerca de 20% de fatores de produção, registaram ainda um aumento, no período em análise, de 21%.

A ponderação da totalidade dos custos referidos, considerando a incidência de cada um, nas últimas duas campanhas, proporciona um aumento médio de produção no campo da ordem dos 35%.

Durante o mesmo período dos últimos dois anos, referentes à fase complementar de pós-colheita, o aumento dos custos registados em central fruteira foram os seguintes:

a) Salários	19,7%
b) Embalagens	35,0%
c) Energia elétrica	394,0%
d) Gasóleo rodoviário	36,5%
e) Outros custos	28,0%

Este tipo de custos corresponde a todo o processamento após a colheita da maçã, tais como conservação, calibragem, classificação, embalagem e transporte. Ou seja, também as quatro maiores rubricas, que representam cerca de 70% de todos os custos de preparação e processamento.

Para além das quatro principais rubricas de gastos (salários, embalagens, energia e combustíveis), existe ainda um grupo diverso de outros custos, que podem representar cerca de 30% do total de custos de processamento e preparação em pós-colheita, onde se incluem os custos administrativos, custos financeiros, custos de manutenção de equipamentos, custos com amortizações, custos de auditorias, custos com certificações e qualidade, custos com promoção e divulgação, entre outros.

Constata-se aqui, através da ponderação das diferentes cinco rubricas, um aumento de custo vertiginoso e assustador próximo dos 50%, ainda superior à etapa anterior, referente aos custos de produção no campo.

Apesar de alguma heterogeneidade da dimensão e natureza das diferentes organizações de produtores de Maçã de Alcobaça, assim como alguma heterogeneidade de dimensão e condições de cada exploração ou família frutícola, facilmente e tristemente se verifica que o aumento da totalidade dos custos de produção e processamento de Maçã de Alcobaça IGP, nas duas etapas produtivas, oscila entre os 38 e os 44%, situação bem superior aos valores globais de inflação calculados e veiculados pelos órgãos de comunicação social.

Também é conhecido e público, assim como confirmado pelo Instituto Nacional de Estatística, que o preço da maçã em Portugal não sofreu aumento médio do preço de aquisição da ordem dos 30%, conforme anunciado de modo generalizado para os alimentos frescos, mas sim ausência de aumento registável, em completo desalinhamento com a realidade dos custos de produção – apesar de algumas referências ou sistemas de produção e qualidade menos expressivas terem registado aumentos face a referências normalizadas, mas trata-se apenas de referências e quantidades residuais em clientes pontuais.

Importa referir que existem situações com registo de acréscimo de custos superiores aos apresentados, mas as variações apresentadas corresponderem a médias obtidas em função da dimensão e tipologia de cada família produtora e em função das diferentes dimensões e natureza de cada organização de produtores de Maçã de Alcobaça IGP a que pertencem.

Resumindo, para as empresas produtoras de Maçã de Alcobaça IGP, enquanto consórcio de mais de 500 famílias organizadas (e outras tantas famílias ainda pequenas produtoras), através das suas organizações de produtores, a inflação dos últimos dois anos foi da ordem dos 40% e não de apenas os valores médios anunciados pela comunicação social nos últimos tempos para o País.

Razão pela qual se deve compreender que a inflação esperada dos preços ao consumidor para este tipo de produtos, não pode corresponder à inflação média nacional, mas deveria corresponder à inflação específica dos custos de produção dos fruticultores – o que não se está a verificar, para enorme prejuízo e desmotivação da produção. Outro comparativo se poderia fazer com a realidade vizinha espanhola, onde os sete maiores custos de produção identificados neste trabalho (Energia, Gasóleo agrícola, Gasóleo rodoviário, Embalagens, Fertilizantes, Produtos Fitofarmacêuticos, Custos financeiros), apesar de terem sofrido aumentos gigantes nos últimos dois anos, pelas questões conhecidas, são todos eles hoje mais baratos do que em Portugal, em valores correspondentes a dois dígitos percentuais, sem exceção para estes cinco casos. Apenas não está em linha com esta realidade cruel para os agricultores portugueses o custo dos salários no nosso país vizinho.

É com este aumento de custos da ordem dos 40% que estas famílias e empresas vivem diariamente e administram as suas atividades, tendo conseguido apenas recuperar, em dois anos, cerca de 8% do preço de venda.

E sobre este tema deveria estar a opinião pública e os consumidores que preferem a qualidade portuguesa preocupados, uma vez que, a não se recuperar o equilíbrio dos custos com o preço, a produção deste tipo de alimentos vive em regime de insustentabilidade, o que, a continuar, dificultará ainda mais a produção dos mesmos e a oferta para alimentar os portugueses nestas condições e neste abismal fosso causado pelos anormais aumentos de custos. Assim como importa investigar, ou constatar apenas, onde estão os verdadeiros aumentos de custos e, consequentemente, os verdadeiros responsáveis pelos aumentos de custos dos alimentos portugueses. No caso da Maçã de Alcobaça IGP, são: fertilizantes (75%); produtos fitofarmacêuticos e biotécnicos (45,8%); combustíveis

agrícolas (83,8%); salários (19,7%); outros custos variados (21% – dos quais os custos financeiros ao agricultor com financiamentos bancários aumentaram mais de 200% no período).

Relativamente aos custos de processamento pós-colheita, a realidade é ainda mais dura: verificam-se aumentos de custos completamente insuportáveis para a produção de alimentos, tais como: embalagens (35%), combustíveis (36,5%); salários (19,7%); energia (mais de 300%), outros custos (28% – onde, dentro destes, se verifica um aumento dos custos financeiros superior a 200%).

Em resumo, para a comunidade frutícola, os temas Energia, Combustíveis, Embalagens, Fertilizantes, Produtos fitofarmacêuticos e biotécnicos e Custos financeiros são os grandes responsáveis pelo aumento vertiginoso dos custos de produção de forma completamente anormal e incompreensível, quando o aumento da mão-de-obra – ou seja, dos salários – de 19,7% corresponde à rubrica de menor aumento, apesar de bem acima dos aumentos dos preços médios de venda.

Reconhece-se que os custos de produção da Maçã de Alcobaça IGP relativamente a fertilizantes e produtos fitofarmacêuticos ou biotécnicos são mais onerosos do que as soluções mais tradicionais, uma vez o modelo de produção ecológico e de forte compromisso ambiental obrigou a escolhas alternativas e mais evoluídas – desde escolhas tecnológicas de origem natural, escolhas biotécnicas, escolhas de equipamento e luta biológica e ainda opções e práticas culturais racionais que, normalmente, estão do lado das soluções mais caras e com maiores crescimentos anuais de preço.

Repete-se: o aumento dos preços médio de venda de Maçã de Alcobaça nos últimos dois anos foi de apenas 8% para todo o universo de variedades, de destinos e de diferentes níveis de qualidade.

Importa referir aqui mais uma vez que se trata de variações médias, uma vez existem clientes, destinos e níveis de qualidade mais exigentes que registaram aumentos superiores, enquanto outros níveis de qualidade e serviço existem com contributos inferiores para as médias aqui apresentadas.

Não pode deixar de se registar ou lembrar aqui que, apesar do drama apresentado, acresce que na campanha passada a produção comercializável de Maçã de Alcobaça sofreu uma quebra significativa devido às alterações climáticas, já suficientemente retratadas à época das colheitas, situação que onerou de forma suplementar os custos unitários de produção, sem contabilização aqui neste trabalho.

Esta realidade é uma consequência que merece não ser esquecida, uma vez quebras de produção de origem climática também serem motivo de redução de oferta e de aumento da procura. Isto para lembrar que quebras de produção por inviabilidade ou desinteresse ou até desmotivação de se fazerem novas plantações também são motivo grave de redução das produções e, conseqüentemente e complementarmente, aumentar os preços de venda, as importações e o contributo para economias terceiras.

Espera-se deste modesto contributo da Maçã de Alcobaça IGP que, quem ainda tem dúvidas de onde está a razão ou origem dos aumentos dos preços, tenha em atenção esta realidade e esteja atento aos setores de atividade que irão registar maiores aumentos de lucros no fecho das contas do ano.

As famílias e empresas produtoras e de processamento exclusivo de Maçã de Alcobaça IGP vão ter e apresentar os piores resultados dos últimos 20 anos, a larga maioria delas vão apresentar prejuízos, algumas delas prejuízos significativos.

A presente partilha de indicadores pretende ser um contributo real e preocupado para a campanha de informação e desinformação a que temos assistido nos últimos dias, por vezes abordando generalidades e não especificidades, por vezes visando alvos errados, quando os verdadeiros beneficiários desta calamidade de aumento de custos apenas o Ministério das Finanças poderá divulgar brevemente, após apresentação pública dos resultados e das receitas das empresas portuguesas.

Associação dos Produtores de Maçã de Alcobaça (APMA)